

Z3 DA METAFÍSICA: CAMINHOS PARA A INTERPRETAÇÃO DE Z¹

ARLENE REIS

*Departamento de Filosofia
Universidade Federal de Santa Catarina*

Introdução

Z da *Metafísica* esconde o seu sentido numa espécie de labirinto que, ao ser penetrado, pode levar a uma escuridão sem esperanças. Apesar de acreditar nisto, saltei da postura humilde do discípulo bem comportado que duvida do seu talento interpretativo, para a do aventureiro que enfrenta o desconhecido, agarrando-se a um fio que poderá ser ou não ser o de Ariadne. Arriscando perder-me em meio ao caos engendrado por minha inexperiência e temeridade, apeguei-me a algumas crenças. Acredito, por exemplo, que é possível construir um sentido para Z da *Metafísica* e que esse texto guarda uma estrutura intencionalmente construída por Aristóteles; tal estrutura tem como núcleo central a pergunta “o que é a substância?”². Nos três primeiros capítulos, Aristóteles apresenta seu projeto³, e, a partir de uma interpretação de Z3, identifiquei a hipótese central de Z, que pode ser assim formulada: a forma é princípio de substancialidade.

Em Z, do primeiro ao terceiro capítulo, Aristóteles vai delimitando cada vez mais seu tema. Vejo do seguinte modo o fio condutor dos três primeiros capítulos desse texto: parte da pergunta geral *o que é o ser*, determina que se deve passar desta para a questão *o que é a substância* e esclarece que a

¹ Este texto é uma adaptação de um capítulo de REIS, Arlene. *O princípio de substancialidade: um estudo sobre o livro Z da Metafísica de Aristóteles*. 2001. Tese (Doutorado em Filosofia)-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001 (p. 91-108).

² Esta conclusão não será provada neste contexto. O tema aqui previsto ainda permanece nos limites de Z3.

³ Filósofos contemporâneos fazem suas interpretações de Z3 e, parece, conseguem apresentar com propriedade distintas visões sobre o mesmo texto. Eles se apoiam em diferentes versões dos manuscritos e em análises semânticas e gramaticais que oferecem à estrutura do texto múltiplas possibilidades.

questão *o que é a substância* contém um duplo sentido: *que coisas são substância, qual é a natureza da substância*. Decide buscar resposta para a segunda pergunta. Por sua vez, a pergunta *o que é a substância* pode receber resposta genérica, se se pensa a relação da substância com outras categorias, ou mais delimitada, se se pensa o princípio de substancialidade. Em Z3, Aristóteles mostra que gênero, universal, quiddidade e sujeito são candidatos à substância de cada coisa e a pergunta *o que é a substância* torna-se, principalmente, a questão “qual destes quatro candidatos são, com mais propriedade, substância?”. É necessário acrescentar a esta pergunta o fato de que Aristóteles já deixou claro em Z2 que iria estudá-la tendo como universo de pesquisa as substâncias sensíveis.

Z3 não só delimita o tema de Z, mas, também, inicia a pesquisa propriamente dita. Isto me permitiu, além de identificar o seu objeto, observar os distintos níveis de tratamento do tema, ou seja, os diferentes métodos de análise propostos pelo próprio Aristóteles⁴. Z3 inicia sua busca analisando o sujeito e o apresentando num sentido lógico. Neste contexto, substância é, inicialmente, considerada sujeito, que, por sua vez, é definido do mesmo modo que o foi em *Categorias*, mas sujeito ainda é concebido genericamente, e Aristóteles explica, em Z, que são necessários maior rigor e precisão quando se quer entendê-lo como determinante da substancialidade de um ser. Buscando esta precisão, para continuar avaliando o candidato sujeito, pensa-o em relação aos princípios constitutivos da substância sensível: matéria e forma. Defende a necessidade de avaliar se cada um destes dois princípios ou o composto deles é sujeito. Z3 atinge algumas conclusões parciais que estruturam um modelo de análise para o conjunto de Z. Essas conclusões serão apresentadas na análise que se segue.

1. *Quatro possibilidades de resposta para a questão: “O que é substância?”*

Aristóteles, no início de Z3 da *Metafísica*, afirma que se a substância não pode ser dita de inúmeros modos, pode sê-lo ao menos de quatro mais importantes⁵. Em seguida justifica a afirmação acima, dizendo: *καὶ γὰρ τὸ τὶ*

⁴ Neste aspecto, o presente trabalho entende que Z é um estudo sobre a substância que se desenrola em dois níveis de conhecimento: lógico e metafísico. Nível lógico é aquele utilizado por Aristóteles através da expressão *λογικῶς* em Z4, 1029b13. Nos momentos em que o livro Z estuda a questão da substância em nível lógico, evoca conceitos do *Organon*, mas não a trabalha como matéria e forma. As noções de matéria e forma constituem-se, no livro Z, em elementos que demarcam a perspectiva metafísica de análise da substância. No livro Z da *Metafísica*, Aristóteles avalia em que medida matéria e forma constituem a substância.

⁵ ARISTÓTELES. *Metafísica*, Z3, 1028b33-34.

ἦν εἶναι καὶ τὸ καθόλου καὶ τὸ γένος οὐσία δοκεῖ εἶναι ἑκάστου, καὶ τέταρτον τούτων τὸ ὑποκείμενον⁶. Esta passagem sugere que os modos mais conhecidos de se dizer a substância são quiddidade, universal, gênero e sujeito. O fato de Aristóteles citar o sujeito num segundo momento da frase, apresentando-o separadamente dos outros modos de dizer a substância, deve ter uma razão especial. Alguns autores concluíram que isto indica uma condição de inferioridade do sujeito como modo de dizê-la, e que Aristóteles o cita (o sujeito) para, em seguida, mostrar que dizer a substância como sujeito é ainda considerá-la de modo insuficiente; outros, além de retirar esta conseqüência, consideram que sujeito, neste contexto, não é visto como substância de cada coisa – οὐσία δοκεῖ εἶναι ἑκάστου – embora, de algum modo, possa vincular-se à idéia anterior em que Aristóteles refere-se aos quatro modos de se dizer a substância⁷. Mas o fato de o sujeito ser apresentado num momento distinto pode indicar também (e isto será confirmado ao longo do livro **Z**) que existem duas perspectivas a partir das quais se pode buscar a natureza da substância: a primeira refere-se à quiddidade, ao gênero, ao universal, e a segunda refere-se ao sujeito. Na primeira via, Aristóteles terá de decidir qual das três possibilidades coincide melhor com a substância e de que modo isso acontece (Nos próximos capítulos de **Z**, o Estagirita decidirá que substância é quiddidade.); na segunda, terá de explicar se substância pode ser sujeito. Poder-se-á observar que, ao longo de todo o livro **Z**, entre essas duas perspectivas gerais que estão em jogo, não há uma relação de exclusão, ou seja, Aristóteles não pretende mostrar que, se substância é sujeito, ela não poderá ser quiddidade, e vice-versa; ao contrário, procurando responder à pergunta geral feita em **Z1**, o que é substância, Aristóteles defenderá que ser substância é ser sujeito, e quiddidade permitirá clarificar sujeito em vez de eliminá-lo.

⁶ ARISTÓTELES. *Metafísica*, **Z3**, 1028b34-36.

⁷ Cf. ARISTÓTELES. *Metafísica*, **Z3**, 1028b33-34. Michael V. Wedin mostra que o acréscimo do sujeito em quarto lugar encoraja alguns intérpretes de Aristóteles a pensarem que somente os 3 primeiros são sérios pretendentes ao título de substância, e que sujeito é citado para ser, posteriormente, excluído. Tal entendimento faz τούτων em 1028b35 referir-se a 1028b33 e não à idéia: οὐσία δοκεῖ εἶναι ἑκάστου de 1028b35. Para esse autor, isto, embora seja possível gramaticalmente, neste contexto, não corresponde ao que significam as frases. Aristóteles diz que substância pode ser dita em quatro sentidos e imediatamente dá a razão para isso. É impossível, para o intérprete, que o Estagirita esteja referindo-se apenas aos 3 primeiros, porque o parágrafo está falando da razão pela qual quatro coisas são ditas substância. A razão para que *sujeito* seja a substância deve ser a mesma dada para o fato de *quiddidade*, *universal* e *gênero* serem substância: são ditas substância porque são pensados como substância de cada coisa - οὐσία δοκεῖ εἶναι ἑκάστου; Cf. WEDIN, Michael V. *Subjects and Substance in Metaphysics Z3*. In: RAPP, Christof. *Metaphysik Die Substanzbücher (Z, H, Θ)*. Berlin: Akademie Verlag, 1996 (p. 44).

2. *Sujeito é dito em vários sentidos*

No início de Z3, após afirmar que a substância pode ser dita de muitos modos e após enumerá-los, Aristóteles passa à análise do sujeito. No contexto da *Metafísica*, sujeito é também analisado em Z13 e em Θ7. Aristóteles, em Θ7, formula a seguinte hipótese: se há algo primeiro, algo que não se diz de outra coisa, este algo primeiro é a matéria primeira; o exemplo sugerido é: Se a terra é de ar, se o ar é de fogo, o fogo será matéria primeira sem ser algo determinado. De outro lado, ele oferece o seguinte exemplo: seja o sujeito das afecções um homem – corpo e alma –, seja a afecção músico e branco; neste caso, o sujeito é uma substância; se não é assim, e se o que se predica é uma espécie e algo determinado, o sujeito é matéria⁸. Fica claro que sujeito aparece, neste contexto, como princípio natural de sustentação do ser em dois sentidos: como base determinada que suporta as demais características do ser ou como base indeterminada que suporta a determinação de algo⁹. Em Z13, Aristóteles também apresenta sujeito nestas duas direções, mostrando que o sujeito subjaz de dois modos: como o animal em relação às afecções e como a matéria em relação ao ato¹⁰.

A visão do sujeito apresentada em *Categorias* é, em parte, compatível com a exposta em Z3; mas apenas em parte. Em *Categorias* sujeito é – τὸδε τι – *um isto*; em tal contexto, Aristóteles não se refere à matéria; sujeito como concepção geral de substância pode ser considerado em sentido lógico e natural; ali, substância em seu sentido mais fundamental, primeiro e principal é aquilo que não está em um sujeito, é o que não se diz de um sujeito, é o sujeito. O sujeito por excelência é, portanto, como sujeito lógico, o sujeito de uma dada proposição; como sujeito ontológico, o indivíduo. Substância num se-

⁸ ARISTÓTELES. *Metafísica*, Θ7, 1049a27-36.

⁹ Esta duplicidade de sentido de sujeito só pode ser entendida se se consideram as substâncias sensíveis.

¹⁰ ARISTÓTELES. *Metafísica*, Z13, 1038b5-6.

Christopher Shields (The Subjecthood of Souls and some other Forms: a Response to Granger. *Oxford Studies in Ancient Philosophy*, Oxford, v. 13, p. 160-176, 1995.) utiliza-se desta passagem para mostrar (p. 175), contra Granger (cf. GRANGER, Herbert. Aristotle on the subjecthood of Form. *Oxford Studies in Ancient Philosophy*, Oxford, v. 13, p. 136-159, 1995.) que, para Aristóteles, ὑποκείμενον pode ser dito em dois sentidos, e que a substância é sujeito. Shields apresenta do seguinte modo sua tese sobre ὑποκείμενον em Aristóteles: “In my earlier article I distinguished between these two types of ὑποκείμενα largely extrinsically, by the range of predicates they can receive. I suggested that the first type ὑποκείμενον underlies form, whereas the second underlies properties and persist as the proper and noon-derivative subject of change. Further, ὑποκείμενον, but not ὑποκείμενον, survives substantial generation. Thus, when he contrasts form with the ὑποκείμενον, Aristotle has in mind only ὑποκείμενον which, as matter, is appropriately contrasted with form. Still, because they are ὑποκείμενα, forms meet HC, and so are not disqualified from being substances. I still maintain that this is correct and wish to question Granger’s rejection of HC” (p. 165).

gundo sentido é a espécie e o gênero¹¹. A substância segunda, enquanto espécie, é mais substância do que o gênero¹², pois quando se quer saber a natureza de uma substância primeira, este conhecimento será mais preciso se se considerar a espécie, em vez do gênero¹³. A espécie, por sua vez, é um sujeito para o gênero, pois se o gênero é afirmado da espécie, a espécie não é afirmada do gênero¹⁴. De outro lado, a partir do gênero e/ou espécie podem ser afirmados os demais predicados da substância primeira que não correspondem a gênero ou espécie¹⁵. Aristóteles vai mais longe e diz que, se a substância em sentido pleno, o indivíduo, não existisse, nada mais poderia existir, pois as demais coisas ou se dizem do sujeito ou estão em um sujeito¹⁶.

Considerando que, em *Categorias*, Aristóteles busca estabelecer os princípios a partir dos quais a razão pode dizer as coisas ou seus conceitos, pode-se entender por que, nesse livro, o sujeito, enquanto indivíduo, é primeiro: ele é, do ponto de vista gramatical, aquilo que não é predicado de nada e, do ponto de vista ontológico, é o suporte das propriedades e dos demais atributos do ser.

Em *Categorias*, a substância ainda não é estudada do ponto de vista de sua estrutura interna e sim do ponto de vista de sua apreensão mais imediata. A análise dos seus princípios constitutivos será feita em **Z**. *Categorias* trata da substância em sentido genérico.¹⁷ Espécie, em **Z**, passa a ser vista não mais como substância segunda (como em *Categorias*), mas como forma e substância primeira. *Categorias* e **Z** da *Metafísica* não são textos contraditórios; eles se complementam. São perspectivas diferentes de análise da substância.

Z3 concorda com *Categorias* quando explicita do seguinte modo o que entende por sujeito: o sujeito é aquilo de que as outras coisas são ditas, enquanto ele mesmo não é dito de nada¹⁸. **Z3**, tendo definido o sujeito, afirma a necessidade de estudá-lo em primeiro lugar. Por isso é necessário, inicialmente, determiná-lo; porque o sujeito primeiro parece ser, principalmente, a substância¹⁹.

¹¹ ARISTÓTELES. *Categorias*, 2a11-19.

¹² ARISTÓTELES. *Categorias*, 2b8-9.

¹³ ARISTÓTELES. *Categorias*, 2b7-10.

¹⁴ ARISTÓTELES. *Categorias*, 2b16-22.

¹⁵ Cf. ARISTÓTELES. *Categorias*, 3a1-6.

¹⁶ ARISTÓTELES. *Categorias*, 2b6-8.

¹⁷ E por isso tem-se a impressão de que entre **Z** e *Categorias* há uma dupla e contraditória noção de sujeito.

¹⁸ Cf. ARISTÓTELES. *Metafísica*, **Z3**, 1028b36-37.

¹⁹ ARISTÓTELES. *Metafísica*, **Z3**, 1028b37-1029a2.

Aristóteles teve, em vários momentos, a oportunidade de mostrar o que os primeiros filósofos entenderam por substância²⁰ e é a estas opiniões que ele está se referindo quando afirma, em Z3, que o sujeito primeiro parece ser principalmente a substância. Tais filósofos defenderam a idéia de que a substância é sujeito porque, para eles, ela é um fundamento material de todas as coisas. Substância é vista, portanto, por tais filósofos, como um estofo material inicial a partir do qual surgem as demais coisas. Ela é entendida como um sujeito primeiro, pois não se constitui apenas num princípio interno de cada coisa, mas em algo que é antes de tudo, e de onde tudo é engendrado. Se, para Aristóteles, tais filósofos estavam, de um lado, corretos ao mostrarem que ser substância é ser sujeito, de outro, caíram em grave falha quando confundiram ser substância com ser sujeito primeiro, defendendo que a verdadeira substância consiste neste princípio material e exterior a tudo. Pensando assim, colocaram em segundo plano o ser substancial, pois deixaram de se preocupar com a relevante questão: “O que faz com que cada coisa seja o que é?”

Aristóteles propõe-se, na continuidade de Z3, retomar, em primeiro lugar, a noção de sujeito, e esclarecê-la mais profundamente. Sujeito, agora, não é analisado simplesmente como um princípio geral e anterior a todas as coisas, como pensaram Platão, alguns filósofos platônicos e pré-platônicos; nem apenas como princípio primeiro de toda predicação, que, em sentido genérico, coincide com o indivíduo como Aristóteles explicitou nas *Categorias*. Os candidatos a sujeito são anunciados numa nova perspectiva; eles são os princípios constitutivos das substâncias sensíveis.

Sobre as várias possibilidades de se entender o sujeito, Aristóteles afirma: Tal é dito em um sentido, a matéria, em outro sentido, a forma, e num terceiro sentido, o composto²¹. Nesta frase, tal – *τοιούτων* – pode ser interpretado, ao menos, a partir de três possibilidades gramaticalmente aceitáveis. A primeira vincula *τοιούτων* à *οὐσία* em Z7, 1029a1. Na segunda possibilidade, *τοιούτων* se refere a sujeito, definido em Z3, 1028b36-37 e, finalmente, na terceira, refere-se a *ὑποκείμενον πρῶτον* em Z3, 1029a1-2²². Se a terceira e a pri-

²⁰ Cf. por exemplo, ARISTÓTELES. *Metafísica*, A, ou *Física*, A.

²¹ *Τοιούτων δὲ τρόπον μὲν τινα ἢ ὅλη λέγεται, ἄλλον δὲ τρόπον ἢ μορφή, τρίτον δὲ τὸ ἐκ τούτων* (Cf. ARISTÓTELES. *Metafísica*, Z3, 1029a2-3).

²² Tricot, por exemplo, em relação a esta passagem, admite que *τοιούτων* refere-se a sujeito primeiro. Cf. TRICOT, J. *Aristote: Métaphysique; Livres A-Z*. Paris: Vrin, 1991. t. 1. p. 242. Frank Lewis, ao contrário, mostra que Aristóteles, nesta mesma frase em questão, está afirmando que matéria, forma e composto podem, todos, ser vistos como sujeito, se sujeito for considerado em diferentes sentidos; este mesmo autor mostra também que H1 afirma isto e não fala em sujeito primeiro. Cf. LEWIS, Frank A. *Substance and predication in Aristotle*. Cambridge:

meira são possíveis gramaticalmente, a segunda, além de também ser possível gramaticalmente, é mais produtiva semanticamente, pois na seqüência de Z3 fica claro que Aristóteles mostra a necessidade de se sair da noção genérica de sujeito para que se atinja uma visão mais precisa deste e se consiga, a partir disto, apreender o conceito de substância. Ao aceitar que forma, composto e matéria são, de certa maneira, cada um deles, sujeito, procura explicitá-los e mostrar qual deles mais coincide com a substância. De outro lado, poder-se-á observar, ao longo de todo o livro Z, que, para Aristóteles, um dos principais ângulos de análise da substância constituir-se-á na demonstração de que a substância é sujeito, contrapondo uma noção genérica deste a uma noção mais precisa e determinante da substancialidade.

A continuidade do texto indica que Aristóteles está interessado em encontrar, no interior de cada coisa, seu sujeito e não em buscar, fora de todos os existentes, seu princípio originário. Para bem esclarecer a afirmação feita em Z1, 1029a2-3, Aristóteles fornece um exemplo: a matéria é o bronze, a forma é a figura, e o composto é a estátua no todo²³. A visualização de uma estátua possibilita perceber o que está sendo buscado: No interior da substância sensível estão seus dois princípios constitutivos; sujeito pode ser pensado como matéria, como forma, ou como a união dos dois. Cada um destes princípios tem de ser avaliado enquanto possível substância²⁴.

Na seqüência do texto, Aristóteles, referindo-se aos princípios matéria e forma, ensaia uma primeira resposta para a questão: “Qual destes três princípios são mais ser?”, coincidindo, portanto, com sujeito enquanto subs-

Cambridge University Press, 1991; p. 275, nota 8. A este argumento pode-se acrescentar o fato de que o exemplo – a estátua de bronze – sugerido por Aristóteles na seqüência do texto mostra que o interesse do Estagirita é o de verificar, na *estrutura interna* de uma determinada substância, o que é sujeito, e não o de buscar o fundamento último das coisas.

²³ Cf. ARISTÓTELES. *Metafísica*, Z3, 1029a3-5.

²⁴ Ross comenta que o tratamento de *ὑποκείμενον* como um conceito ambíguo é comum aos textos de Aristóteles, pois muitas vezes sujeito é dito matéria ou unidade de matéria e forma, mas considera surpreendente que sujeito possa ser entendido como forma. Ross lembra que ele já citou sujeito como forma em H, 1042a28. Cf. ROSS, D. W. *Aristotle's Metaphysics*. Oxford: Clarendon Press, 1981. v. 1-2.

Ross diz que Bonitz (Cf. BONITZ, Hermann. *Commentarius in Aristotelis Metaphysicam*. Hildesheim: Georg Olms Verlag, 1992. p. 301) está errado quando defende que a presença de forma, neste contexto da *Metafísica*, é resultado de um lapso de Aristóteles devido à sua constante associação de matéria, forma e unidade das duas, ou ao fato de ela ser discutida sob a direção de τὸ ἦν εἶναι e não de *ὑποκείμενον*. Cf. ROSS, op. cit., p. 164.

Bonitz diz que, em Aristóteles, *ὑποκείμενον* pode ser entendido em três sentidos gerais: a *matéria* determinada pela forma; a *substância*, à qual inerem a qualidade e os acidentes; o *sujeito lógico*, do qual são ditos os atributos. Cf. BONITZ, Hermannus. *Index Aristotelicus*. Berlin: Walter de Gruyter GmbH, 1961. p. 798, 25-29. Esta visão de Bonitz não coincide com a noção de sujeito que, neste momento de Z, está sendo discutida.

tância em sentido pleno. Aristóteles afirma: ὥστε εἰ τὸ εἶδος τῆς ὕλης πρότερον καὶ μᾶλλον ὄν, καὶ τοῦ ἐξ ἀμφοῖν πρότερον ἔσται διὰ τὸν αὐτὸν λόγον.²⁵ “De tal sorte que se a forma (τὸ εἶδος) for anterior e mais ser do que a matéria (τῆς ὕλης), pela mesma razão, será anterior ao composto (τοῦ ἐξ ἀμφοῖν).”²⁶

Esta passagem apresenta, de modo condicional, uma resposta hipotética para a questão da hierarquia entre os princípios constitutivos da substância. Aristóteles formula a hipótese de que, se forma é anterior e mais ser do que matéria, será anterior ao composto, e a razão para a anterioridade da forma em relação ao composto será a mesma que justifica a anterioridade da forma em relação à matéria. O Estagirita cria tal hipótese motivado pelo fato de que, se substância é sujeito, e se todos os princípios constitutivos da substância sensível podem, cada um a seu modo, constituírem-se em sujeito, é necessário entender qual destes princípios é primeiro e mais ser, qual deles indica melhor o sujeito enquanto suporte da estrutura de algo. Só assim poderá ser esclarecido o que é substância.

²⁵ Cf. ARISTÓTELES. *Metafísica*, Z3,1029a5-7.

²⁶ Bostock, referindo-se a esta mesma passagem e nela utilizando o genitivo (τοῦ ἐξ ἀμφοῖν), afirma que, se neste contexto fica claro que Aristóteles expressa que a forma é anterior à matéria, não está claro o que ele entende por prioridade. Para Bostock, se existe uma razão para que a forma seja anterior ao composto, a razão desta prioridade não está expressa neste contexto, porque ela não pode coincidir com a razão que explica a prioridade da forma em relação à matéria (Cf. BOSTOCK, David. *Aristotle Metaphysics: Books Z and H*. Oxford: Clarendon Press, 1994. p. 76). Bostock sugere também que não se pode analisar “tão estritamente” a passagem em questão; o que se pode interpretar do seguinte modo: para bem entender como Aristóteles expõe este problema, não se deve levar em consideração apenas este contexto da *Metafísica*.

Mary Louise Gill (*Aristotle on substance: the Paradox of Unity*. Princeton: Princeton University Press, 1989), sobre a mesma passagem, mostra que ela aparece em distintos manuscritos que possuem igual autoridade e aparece de diferentes modos. Os manuscritos de Pseudo Alexandre utilizam o nominativo na expressão τὸ ἐξ ἀμφοῖν. Ross, na *Metafísica* publicada em 1908, também utilizou o nominativo, mas em 1924 adotou o genitivo. Há, portanto, para a mesma, duas versões que estabelecem entre matéria, composto e forma uma relação bastante diferente, e tal relação traz sérias consequências para o pensamento de Aristóteles. Na edição de Ross 1924, tem-se a versão acima apresentada. Nela, Ross defende que o fato de Aristóteles ter dito τοῦ ἐξ ἀμφοῖν e não τὸ ἐξ ἀμφοῖν faz do composto, não um sujeito que, como a forma, seria primeiro, mas complemento que, como a matéria, diz respeito ao sujeito, forma. Ross comenta que se a frase iniciasse por τό ter-se-ia de concluir que Aristóteles estaria afirmando a prioridade do composto em relação à matéria (ROSS, 1981, p. 165). De acordo com esta segunda possibilidade de interpretação da passagem, ter-se-ia a seguinte afirmação: “... se a forma for anterior à matéria e mais ente que ela, pela mesma razão, o composto será anterior à matéria”. Se nesta frase não está afirmada uma hierarquia entre composto e forma, está afirmada uma hierarquia entre composto e forma em relação à matéria. A igual autoridade dos manuscritos que envolvem estas duas versões da passagem analisada faz com que se tenha de fazer uma escolha entre as duas possibilidades. Só é possível fazê-lo levando-se em conta uma interpretação mais geral do pensamento de Aristóteles. Nisso, Bostock tem razão.

Os manuscritos que citam τοῦ são: E (Codex Parisinus Graecus 1853 saeculi x), J (Codex Vindobonensis Phil. Graecus 100 saeculi x); os que citam τό são: Ab (Codex Laurentianus 87, 12 saeculi xii), Alp (Alexandri interpretatio vel Paraphrasis), E2.

Até a presente linha de Z3, pode-se contar apenas com a hipótese de que substância é sujeito enquanto forma. Aristóteles, para confirmar sua hipótese, terá de explicar por que forma é anterior e mais ser do que matéria. Se isto for apresentado, saber-se-á a razão da forma ser anterior ao composto. Aristóteles sugeriu, neste contexto, que a forma pode ser vista como anterior à matéria e ao composto de matéria e forma, mas as razões para isto ainda não foram apresentadas. Z terá de decidir qual destes três princípios constitutivos da substância, sendo sujeito, coincide realmente com a substância, e por que isso ocorre.

3. Matéria como sujeito

Na seqüência de Z3, Aristóteles resume o que, nos primeiros momentos do livro Z, entendeu como substância: “Agora, de modo geral, está exposto o que é, afinal, a substância; que ela é o que não é dito de um sujeito, mas é aquilo de que as outras coisas são ditas”.²⁷ Afirmar que sujeito é substância, mas afirmar também que não é suficiente defini-la neste sentido, pois tal modo de entendê-la é obscuro.²⁸ Assumir que a substância é sujeito é perigoso, diz Aristóteles, porque apenas a matéria pode ser considerada substância²⁹. Se a matéria não for a substância, continua o Estagirita, torna-se difícil dizer qual outra coisa poderá sê-la³⁰.

Neste momento de Z torna-se mais visível a principal dificuldade ligada à compreensão da substância como sujeito; tal dificuldade consiste na ambigüidade que a própria noção de sujeito encerra. Há uma certa visão do sujeito que leva necessariamente à conclusão de que a substância é matéria. Para mostrar isso, Aristóteles faz um exercício lógico mediante o qual sugere que se imagine a possibilidade de algo ser destituído de todas as suas determinações, ou melhor, de todos os seus acidentes. Aristóteles conclui que, se de um ser particular forem extraídos *todos os seus acidentes* não será possível encontrar algo que, por trás de tudo, se constitua em seu fundamento³¹. As determi-

²⁷ νῦν μὲν οὖν τύπῳ εἴρηται τί ποτ' ἐστὶν ἡ οὐσία ὅτι τὸ μὴ καθ' ὑποκειμένου ἀλλὰ καθ' οὗ τὰ ἄλλα δεῖ δὲ μὴ μόνον οὕτως. Cf. ARISTÓTELES. *Metafísica*, Z3, 1029, 7-9.

²⁸ Cf. ARISTÓTELES. *Metafísica*, Z3, 1029a9-10.

²⁹ E, ainda, a matéria torna-se substância – καὶ ἔτι ὅλη οὐσία γίγνεται. ARISTÓTELES. *Metafísica*, Z3, 1029a, 10.

³⁰ Se, pois, ela não é substância, escapa qual outra coisa a é – εἰ γὰρ μὴ αὕτη οὐσία τίς ἐστὶν ἄλλη διαφεύγει: ARISTÓTELES. *Metafísica*, Z3, 1029a10-11.

³¹ περιαιρουμένων γὰρ τῶν ἄλλων οὐ φαίνεται οὐδὲν ὑπομένον. ARISTÓTELES. *Metafísica*, Z3, 1029a11-12. Ross traduz περιαιρουμένων como *stripping off*. Cf. ROSS, 1981, p. 165. Tal intérprete mostra que esta supressão das determinações de uma substância é dividida por Aristóteles em duas etapas: primeiro, Aristóteles suprime determinações imanentes a um corpo: afecções, ações, potências; depois considera que comprimento, largura

nações são, explica Aristóteles, afecções, ações e potências dos corpos; ou comprimento, largura e profundidade, que são algumas quantidades, mas não são substância³².

Esse exercício, imaginando a supressão das determinações de uma substância, permite que Aristóteles demonstre que nenhum dos elementos pertencentes a ela demarca, no ser, sua substancialidade. Aristóteles então argumenta: ... “aquilo” de onde, primeiro, surgem as coisas, é a substância³³. O verbo *υπάρχειν* (traduzido como surgir) constitui-se numa expressão ontológica e indica que Aristóteles, ao referir-se à substância, neste contexto, pretende expressar mais do que um problema ligado ao sujeito em sentido lógico, em que estão em jogo os elementos de uma determinada proposição – sujeito e seus atributos. Substância enquanto sujeito é vista aqui como um resíduo ontológico que é anterior às outras determinações do ser. Mas é justamente este algo *primeiro* que passa a ser questionado.

O Estagirita continua sua reflexão afirmando: mas suprimidos, o comprimento, a largura e a profundidade, não vemos nenhum resíduo, a não ser que ele seja algo determinado por aquelas³⁴. Resulta, para quem procede assim (ou seja, para quem busca a substância entendendo-a como o resíduo último a partir do qual surgem as coisas), conclui Aristóteles, que a matéria apareça como única substância³⁵.

O exercício proposto por Aristóteles atingiu o único resíduo possí-

e profundidade, *em si mesmos*, não são substância, mas enquanto modos de dizer o ser podem, pelo pensamento, ser suprimidas. Concordando com estes dois momentos propostos por Ross, pode-se dizer que é nesta segunda etapa que Aristóteles mostra como tal exercício leva ao absurdo, pois se existisse algum suporte material por trás das características acidentais de um ser, a única alternativa imaginável seria a matéria como completa indeterminação.

Mary Louise Gill comenta que, para alguns leitores de Aristóteles, esta passagem poderia ser relacionada com o exercício que o Estagirita faz no livro Θ da *Metafísica*. Lá, este autor, numa busca de separação do *composto*, procura identificar uma seqüência de *compostos* e, em cada um deles, separando *matéria e forma*, vai, em cada momento, na *matéria* extraída deste mesmo *composto*, encontrando nova *substância*, de modo que, ao final de um processo, se possa encontrar um elemento material menos complexo. Gill é clara em sua avaliação, ao afirmar que este exercício de Aristóteles, feito no livro Z, não é similar àquele feito no livro Θ porque, no livro Z, o ponto de chegada é uma completa e imediata indeterminação como *matéria*; no livro Θ chegar-se-ia, no máximo, a um dos quatro elementos: água, terra, ar, fogo. Nestes elementos, ainda há alguma determinação. Para Gill, se o exercício de decomposição da *matéria* não é um exercício similar ao livro Θ ele também não corresponde a um diferente conceito que Aristóteles tenha assumido em relação à *matéria* (cf. GILL, 1989, p. 21).

³² Cf. ARISTÓTELES. *Metafísica*, Z3, 1029a12-15.

³³ ἀλλὰ μᾶλλον ἢ ὑπάρχει ταῦτα πρώτῳ, ἐκεῖνό ἐστιν οὐσία. ARISTÓTELES. *Metafísica*, Z3, 1029a15-16.

³⁴ ἀλλὰ μὴν ἀφαιρουμένου μήκους καὶ πλάτους καὶ βάρους οὐδέν ὁρῶμεν ὑπολειπόμενον, πλὴν εἴ τί ἐστι τὸ ὀριζόμενον ὑπὸ τούτων. ARISTÓTELES. *Metafísica*, Z3, 1029b16-18.

³⁵ Cf. ARISTÓTELES. *Metafísica*, Z3, 18-19.

vel: a matéria enquanto sinônimo de completa indeterminação. Tal indeterminação absoluta não coincide com a noção de matéria, exemplificada por Aristóteles em Z3, 1029a3-5, em que matéria pode ser entendida como o bronze de uma determinada estátua; neste caso, em relação ao ser que o configura, bronze é indeterminado. No entanto o Estagirita não negaria que bronze, em si mesmo, é algo que tem comprimento, largura, profundidade, embora tais quantidades, no bronze, não coincidam, necessariamente, com as quantidades da estátua em ato. Neste caso, se há indeterminação na matéria assim exemplificada, tal indeterminação resulta da ausência das determinações constituintes do ser a que ela pertence. Trata-se de uma indeterminação em relação a uma certa estrutura. Mas se tal exercício não pára neste momento e procura retirar do bronze suas determinações, e o resultado de tais supressões são novas determinações que permitem recomeçar o exercício de decomposição, numa seqüência de seres, cujas determinações poderão novamente ser suprimidas, até que se atinja um ponto em que se terá a pura indeterminação, chegar-se-á ao substrato, não mais de determinada substância, mas de todas as coisas. Chegar-se-á ao substrato primeiro.

Concluindo, pode-se retirar do exercício proposto por Aristóteles a seguinte lição: se Z3 entende que a matéria é sujeito, matéria é sujeito em dois sentidos: a) enquanto sujeito de determinada substância, na medida em que, em relação a tal coisa determinada, matéria é o suporte indeterminado. Neste primeiro caso, a indeterminação é relativa a uma substância em ato; é, por exemplo, o bronze em relação à estátua³⁶, b) enquanto *sujeito primeiro e completamente indeterminado*, substrato de todas as coisas. Este segundo sentido pode ser visto como um resultado lógico da decomposição da substância sensível³⁷, mas, ontologicamente, é inconcebível. Esses dois sentidos, dependendo de até onde se leva a imagem da decomposição da substância sensível, podem ser

³⁶ Esta visão de matéria como *sujeito* é compatível com aquela que Aristóteles nos apresenta na *Física*, em que matéria é entendida não como algo absolutamente destituído de determinação, mas como algo indeterminado em relação a uma coisa determinada; matéria poderia ser algo que, se não existe por si enquanto determinado, existe como potência em relação a determinado ato; seu estado de indeterminação é relativo a algo em que ela se encontra como um dos seus princípios constituintes. Cf. ARISTÓTELES. *Física*, I 1092a31-32.

³⁷ Se tal resultado coincide ou não com a noção aristotélica da matéria, é uma questão que terá de ser mais bem estudada. O fato é que, sobre este tema, existe uma grande polêmica. Autores respeitáveis defendem que Aristóteles acredita, aqui, numa matéria primeira, e outros defendem que não. Em muitos textos do Estagirita pode-se encontrar esta expressão *πρώτη ύλη*, e são estes mesmos textos que servem de base para que a polêmica se instale. Bonitz diz que tal expressão aparece em *Física* II 193a29; *De gen. an.* I 729a32; *Metafísica* Δ1015a7-10, H1044a23, Θ1049a24-7.

encontrados na definição de matéria apresenta Aristóteles nas linhas de Z3 que seguem sua conclusão a respeito de tal decomposição:

Chamo matéria aquilo que por si nem é dito algo, nem quantidade, nem nenhuma outra coisa pela qual o ser seja determinado. Existe, pois, algo a partir do qual cada uma destas coisas é dita, cujo ser é diferente de cada uma das categorias (pois todas as outras coisas se predicam da substância e esta da matéria)³⁸. De tal sorte que o [sujeito] último não é por si nem algo, nem quantidade, nem outra coisa e nem sequer negações, pois estas surgirão por acidente. Assim, pois, os que agem deste modo chegarão à conclusão de que a matéria é substância.³⁹

Matéria, como a pensam outros filósofos, mas não Aristóteles, é completa indeterminação. Essa visão é negativa. Matéria é também um resíduo do qual as coisas determinadas são ditas, e ele não é dito de nada e, deste modo, matéria parece caracterizar-se como *sujeito primeiro*. A ambigüidade desta visão de matéria é evidente. Matéria não é o determinado; no entanto é algo a partir do qual tudo pode ser dito; é sujeito primeiro. Parte desta ambigüidade é esclarecida se se leva em conta que ὑποκείμενον não está sendo pensado enquanto sujeito da predicação. Deste modo, se matéria pode ser vista como sujeito, sujeito, neste caso, tem de ser entendido, não como o suporte lógico da predicação, mas como o resíduo ontológico passível de receber todas as determinações. Logo, se ser substância é ser sujeito, e se sujeito tem múltiplos sentidos, cabe perguntar se substância em primeiro sentido é o mesmo que ser sujeito primeiro, neste sentido em que matéria o é. Antes de responder negativamente a esta pergunta, Aristóteles, tendo definido matéria, conclui que, agindo assim⁴⁰, ter-se-á o seguinte resultado: se ser *substância* é ser *sujeito*, a substância por excelência será a matéria. O absurdo desta resposta tornar-se-á visível nas próximas linhas de Z3, mas o exercício de decomposição de uma

³⁸ Brunschwig mostra, em relação a esta última passagem entre parênteses, que ὁυσία, em suas duas ocorrências, é vista, por um grupo de autores, em dois diferentes sentidos e, por um outro grupo, em um único sentido. Por exemplo: para ROSS, 1981, p. 165, o único sentido é forma. Reale (*La Metafisica*. Milano: Vita e Pensiero, 1993. 3 v; p. 664) defende que existem dois sentidos, dizendo que em sua primeira ocorrência ὁυσία refere-se ao indivíduo e na segunda, à forma. Cf. BRUNSCHWIG, Jacques. La forme, prédicat de la matière? In: AUBENQUE, Pierre. *Études sur la Métaphysique D'Aristote*: Actes du VI Symposium Aristotelicum. Paris: Vrin, 1979. p. 132.

O presente texto assumirá a primeira possibilidade de tradução, pensando ὁυσία como forma e entendendo que, em qualquer uma das duas opções assumidas, existem sérios problemas a ser enfrentados.

³⁹ ARISTÓTELES. *Metafisica*, Z3, 1029a20-27.

⁴⁰ Este tipo de ação inclui aqueles que procuram definir a substância como sujeito e aqueles que entendem sujeito univocamente, pensando-o como um substrato último e material a partir do qual as coisas se constituem.

substância já mostrou que, se um ser for destituído de todas as suas determinações, o fundamento último será pura indeterminação, ou seja, será igual ao nada; e nada surge do nada.

Na seqüência de Z, Aristóteles, explicitamente, nega que matéria possa ser substância em primeiro sentido. Para tal negação oferece as seguintes razões: pois parece que, principalmente, tanto o separado⁴¹ quanto o *um/isto* resultam em substância.⁴² Esta afirmação sugere que algo, para ser substância, tem de possuir estas duas propriedades. A partir desta frase, a conclusão viável é: matéria, sendo indeterminação absoluta, como pensaram alguns, ou relativa a um determinado ser, como pensava o próprio Aristóteles, é destituída de características peculiares à substância. Matéria não pode ser dita substância em sentido pleno, embora possa ser entendida como sujeito (quando é concebida como o bronze em relação à estátua). Pode-se dizer também que, para Aristóteles, se substância é sujeito, sujeito, para ser substância, tem de ser algo separável e determinado.

Aristóteles atingiu, assim, o seu primeiro resultado nesta busca proposta em Z3. Conseguiu eliminar um dos candidatos à substância em sentido primeiro; conseguiu esclarecer em que sentido matéria é sujeito. Pode-se concluir também que, se ser substância é ser sujeito, nem todo sujeito pode ser substância em primeiro sentido. Os resultados atingidos em Z3 são expressos levando em consideração a hipótese que Aristóteles havia formulado acima, em 1029a5-7, em que foi dito que, *se a forma é anterior e mais ser do que a matéria, será anterior ao composto pela mesma razão*. Agora, entre estes três candidatos à substância, é possível eliminar a matéria por não ser ao mesmo tempo separável e algo determinado. Aristóteles afirma: por isto, a forma e o composto parecem ser mais substância do que a matéria.⁴³ Forma e composto estão sendo ditos mais substância do que matéria, e como a razão para isto agora é clara, levando-se em conta 1029a5-7, forma está sendo considerada anterior a composto. Mas isto só é plenamente demonstrado onde Aristóteles realmente

⁴¹ Lynne Spellman afirma que a matéria é inseparável porque nela nada há que seja por sua própria natureza, e se matéria, neste sentido, não é separável, a substância pode ser entendida como o correlato ontológico da definição. Cf. SPELLMAN, Lynne. *Substance and Separation in Aristotle*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p. 94.

⁴² καὶ γὰρ τὸ χωριστὸν καὶ τὸ τότε τι ὑπάρχειν δοκεῖ μάλιστα τῇ οὐσίᾳ. ARISTÓTELES. *Metafísica*, Z3, 1029a27-28.

⁴³ διὸ τὸ εἶδος καὶ τὸ ἐξ ἀμφοῖν οὐσία δόξειεν ἂν εἶναι μᾶλλον τῆς ὕλης. ARISTÓTELES. *Metafísica*, Z3, 1029a29-30.

explicita o que é forma e diz como ela pode ser vista enquanto sujeito. O livro Z tem um longo caminho a percorrer⁴⁴.

4. *Observações Finais*

Aplicando os resultados da análise aqui feita, pude visualizar, em Z, um de seus percursos. Há uma análise do sujeito que não se conclui em Z3. Z4, em vez de continuar tal estudo, inicia uma reflexão sobre a quiddidade. Ao longo do livro Z, quiddidade é avaliada em dois níveis: lógico (capítulos 4 a 6) e metafísico (capítulos 10 e 11). A análise do sujeito reaparece quando Aristóteles apresenta seu argumento a respeito da prioridade da forma, nos capítulos de 7 a 9. Estes se encontram entre aqueles que analisam a quiddidade, e isto não parece ser destituído de razão. Assim como os capítulos de Z que tratam do sujeito e da quiddidade são intercalados, também se entrecruzam os dois candidatos que, segundo Aristóteles, realmente coincidem com substância. Quiddidade e sujeito, ao invés de serem excludentes, complementam-se mutuamente. Enfim, admito que a reconstrução da estrutura de Z não depende apenas da aplicação desse modelo. Se não houver alguma flexibilidade na sua utilização será difícil, por exemplo, compreender certas passagens ou mesmo capítulos, como é o caso de Z17, aparentemente não previstos no plano geral de Z. O modelo proposto é um guia e não uma prisão. Sistematizar sem esquecer a complexidade do problema enfrentado, este é um bom modo de dialogar com os textos do Estagirita.

⁴⁴ As últimas linhas de Z3 não foram, aqui, analisadas porque se constituem numa apresentação de nova etapa de estudos. Marco Zingano defende, com razão, que as linhas seguintes de Z3 consistem em justificar uma ordem de análise dos três pontos até aqui apresentados e introduzem uma nova proposta de trabalho. Aristóteles, nestas linhas, diz que vai deixar de lado o composto porque ele é claro e posterior (na ordem do conhecimento); deixará de lado também a matéria porque ela é, do mesmo modo, clara; estudará primeiro a forma porque ela é mais difícil (*ἀπορροτέρη*). Sobre este assunto confira ZINGANO, Marco. L'homonymie de l'être et le projet métaphysique d'Aristote. *Revue Internationale de Philosophie*, Bruxelles, n. 3, p. 333-353, 1997.